

## AMBIENTE ESCOLAR: DESAFIOS E INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO NEUROLÓGICO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Mércia Denise Araujo da Silva<sup>1</sup>  
Francisco Roberto Diniz Araújo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo aborda as complexas interações entre as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o ambiente escolar. Utilizando a metodologia exploratória-descritiva, a pesquisa buscou uma compreensão aprofundada das experiências de crianças com TEA no ambiente educacional, destacando os desafios enfrentados e as estratégias de adaptação adotadas. Os resultados revelaram a sensibilidade sensorial como um desafio significativo no ambiente escolar, com estímulos como luzes brilhantes, ruídos intensos e texturas desconfortáveis, impactando negativamente o bem-estar e o engajamento das crianças. A rigidez comportamental, característica comum no TEA, também se mostra como um desafio na adaptação às demandas estruturais e dinâmicas do ambiente escolar convencional. A discussão destaca a importância de estratégias adaptativas e personalizadas, reconhecendo a necessidade de ambientes sensorialmente adaptados e a personalização de rotinas, bem como práticas pedagógicas inclusivas e eficazes, enfatizando a colaboração entre educadores, profissionais de saúde e familiares. Conclui-se que a compreensão da interação entre o TEA e o ambiente escolar é crucial para promover a inclusão e o desenvolvimento positivo dessas crianças.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Ambiente Escolar. Desenvolvimento Neurológico.

2683

**ABSTRACT:** This study addresses the complex interactions between the characteristics of autism spectrum disorder (ASD) and the school environment. Using an exploratory-descriptive methodology, there searchsoughtanin-depth understanding of the experiences of children with ASD in the educational setting, highlighting the challengesfaced and the adoptedadaptations strategies. The results revealedsensory sensitivity as a significant challenge in the school environment, with stimulisuch as brightlights, loudnoises, and uncomfortable textures negative lyimpacting the well-beingan dengagement of children. Behavioralrigidity, a common characteristic in ASD, also proves tobe a challenge in adapting to the structural and dynamic demands of the conventional school enviroment. The discussion emphasizes the importance of adaptive and personalized strategies, recognizing the need for sensorially adapted environments and customized routines, as well as inclusive and effective pedagogical practices, emphasizing collaboration among educators, health care professionals, and families. It is concluded that understanding the interaction between ASD and the school environmentis crucial for promoting the inclusion and positive development of these children.

**Palavras-chave:** Autism Spectrum Disorder. SchoolEnvironment. Neural Development.

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Educação da Educaler University, especialista em Psicopedagogia Aplicada à Educação Infantil e series iniciais do Ensino Fundamental, pela UNEB (Universidade Estadual da Bahia), Pedagoga pela Faculdade Intervale e Licenciada em Letras Habilitação em português/Inglês e Literaturas pela UNEB (Universidade Estadual da Bahia), professora da rede municipal de ensino de Araci-BA.

<sup>2</sup> Mestrado e Doutorado em Ciências da Educação pela - UDS. Pós-Doutor em Psicologia pela Universidad de Flores - UFLO - AR. Pós-graduando em Bioética pelo Instituto Federal Sul de Minas - IFSULDEMINAS. Professor/orientador e Pesquisador da UFLO - AR. Professor efetivo lotado na secretaria de educação - São Bento PB.

## INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) continua a desafiar e intrigar pesquisadores, educadores e profissionais da saúde devido à sua complexidade e variabilidade (Fuentes *et al.*, 2014). A interação entre as características específicas do TEA e o ambiente escolar convencional tem sido um campo de estudo crescente, com implicações profundas para o desenvolvimento neural das crianças afetadas (Bet, 2020).

O TEA é reconhecido por padrões persistentes de desafios sociais, comunicativos e comportamentais. A variabilidade nas manifestações desses sintomas torna o TEA um espectro heterogêneo, onde cada criança apresenta uma combinação única de características. O ambiente escolar, como espaço de interação e aprendizagem, desempenha um papel crucial no desenvolvimento de crianças com TEA, com impactos significativos nas esferas cognitivas, sociais e emocionais (Howlin *et al.*, 2014).

Esta pesquisa tem como foco principal explorar a influência do ambiente escolar no desenvolvimento neural de crianças com TEA. Buscamos compreender as interações dinâmicas entre as características do TEA e as demandas do ambiente escolar convencional, visando identificar desafios específicos e desenvolver estratégias adaptativas. A sua relevância é fundamentada na necessidade de compreender, de maneira mais aprofundada, como as crianças com TEA vivenciam e respondem ao ambiente escolar. Isso não apenas amplia o conhecimento acadêmico, mas também tem implicações práticas para a criação de ambientes escolares inclusivos e eficazes.

Dessa forma, esta pesquisa objetivou-se em analisar as interações entre as características do TEA e o ambiente escolar, identificar desafios específicos enfrentados pelas crianças com TEA nesse contexto e desenvolver estratégias adaptativas para promover um ambiente escolar mais inclusivo. Além disso, foi adotado uma abordagem exploratório-descritiva, utilizando artigos, dissertações e teses sobre a temática. Este trabalho contribuirá para o avanço do conhecimento sobre a interseção entre o TEA e o ambiente escolar, oferecendo orientações práticas para aprimorar a qualidade de vida e aprendizado das crianças afetadas.

## METODOLOGIA

Este estudo teve como objetivo uma compreensão aprofundada das interações complexas entre as características específicas do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e

as dinâmicas do ambiente escolar convencional. Adotou-se, para isso, a metodologia exploratória-descritiva, conforme proposto por Gil (2002). Essa abordagem possibilitou uma análise detalhada das experiências vivenciadas por crianças com TEA no ambiente escolar, destacando não apenas os desafios enfrentados, mas também as estratégias de adaptação utilizadas.

O desenvolvimento da pesquisa qualitativa, seguindo a abordagem de Minayo (2012), compreendeu diversas etapas. Inicialmente, foi conduzida uma revisão bibliográfica ampla e minuciosa, abrangendo fontes de informação relevantes, como estudos acadêmicos, relatórios de organizações e pesquisas anteriores. Essa revisão foi realizada com base em dados disponíveis em plataformas como Scielo, Google Acadêmico, revistas especializadas e repositórios de universidades, tanto em português quanto em inglês, referentes aos últimos dez anos.

O caráter exploratório desta pesquisa transcendeu a simples identificação da temática, pois buscou compreender profundamente a influência do ambiente escolar no desenvolvimento neural de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ao analisar as experiências vivenciadas por essas crianças, o estudo visou não apenas descrever, mas também compreender os fatores que moldam o desenvolvimento neural no contexto escolar, contribuindo assim para uma visão mais abrangente e informada sobre a interação entre o TEA e o ambiente educacional.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que impacta o desenvolvimento cognitivo, social e emocional do indivíduo. Este transtorno engloba uma ampla variedade de características, manifestando-se de forma única em cada indivíduo. Na esfera das habilidades sociais, crianças com TEA frequentemente enfrentam desafios na compreensão e participação em interações interpessoais, o que pode resultar em isolamento social. Em termos de comunicação, a variedade de expressões da linguagem é vasta, desde a ausência de linguagem verbal até a presença de padrões comunicativos repetitivos e estereotipados (Howlin *et al.*, 2014).

Essa heterogeneidade nas manifestações sintomáticas é uma característica marcante do TEA, contribuindo para a complexidade do transtorno. Cada indivíduo afetado apresenta uma combinação única de desafios e habilidades, formando um espectro autista

diversificado. A variabilidade observada nas dificuldades sociais, nas capacidades comunicativas e nos comportamentos repetitivos impede a definição de um padrão uniforme, exigindo uma abordagem personalizada em termos de intervenções e apoio (Martins& Monteiro, 2017).

Além disso, as manifestações dos sintomas sociais em crianças com TEA compreendem vários desafios que impactam diretamente a capacidade de interação social. Em muitos casos, essas crianças enfrentam grandes dificuldades na compreensão e expressão de emoções, dificultando a comunicação afetiva. Também, a reciprocidade social, fundamental para estabelecer conexões significativas, é frequentemente prejudicada, resultando em interações que podem parecer unidirecionais e limitadas. A interpretação de “pistas sociais”, como expressões faciais e gestos, também é afetada, tornando a decodificação das sutilezas da comunicação interpessoal um desafio constante (Fuentes *et al.*, 2014).

Dessa maneira, cita-se que esses obstáculos sociais não apenas contribuem para o isolamento emocional, mas também geram desafios significativos nas interações interpessoais diárias. Crianças com TEA podem se sentir alienadas de seus pares devido à dificuldade em compreender as nuances das relações sociais, o que pode, por sua vez, impactar negativamente o desenvolvimento emocional e psicossocial (Cabral *et al.*, 2021).

Dito isso, o ambiente escolar é um fator determinante no desenvolvimento neurológico de crianças diagnosticadas com TEA, visto que será a escola desempenha um papel crucial na modelagem das experiências cognitivas, sociais e emocionais dessas crianças, influenciando diretamente o seu desenvolvimento (Gaspareloet *al.*, 2019). Assim, quando professores, coordenadores e todos os profissionais do ambiente escolar se envolvem na busca por conhecimento dessa temática, a natureza dessa influência torna-se um ponto crucial para a implementação de práticas pedagógicas que sejam não apenas inclusivas, mas também eficazes na promoção do progresso e bem-estar dessas crianças (Pletsch, 2009; Benitez *et al.*, 2021).

Nesse sentido, o ambiente escolar, ao lidar com a diversidade de desafios cognitivos e sociais apresentados por crianças com TEA, desempenha um papel fundamental na moldagem de suas experiências educacionais. A adaptação do ambiente, levando em consideração as sensibilidades sensoriais específicas e as preferências individuais, pode impactar positivamente a participação e o engajamento destas crianças nas

atividades escolares. Além disso, a criação de estratégias pedagógicas personalizadas, que reconheçam as diversas formas de aprendizado dentro do espectro, é essencial para atender às necessidades individuais de cada aluno com TEA (Sampaio & Magalhães, 2018).

A implementação de práticas pedagógicas inclusivas e eficazes requer, portanto, uma abordagem multidisciplinar que considere não apenas as características individuais das crianças com TEA, mas também as demandas do ambiente escolar. O desenvolvimento neural dessas crianças é fortemente influenciado pela interação dinâmica entre suas características individuais e o contexto educacional que as cerca. Ao compreender essa inter-relação complexa, educadores e profissionais podem criar ambientes escolares que não apenas acomodem as necessidades específicas de cada criança com TEA, mas que também as estimulem a desenvolver habilidades essenciais para uma vida acadêmica e social plena (Benitez *et al.*, 2021).

Ressalta-se, ainda, que os indivíduos com TEA frequentemente experienciam uma variabilidade na sensibilidade sensorial, o que pode impactar significativamente sua adaptação ao ambiente escolar. A sensibilidade sensorial alterada, seja aumentada ou diminuída, torna-se uma característica distintiva do TEA. Essas crianças podem encontrar desafios na navegação por estímulos ambientais, como luzes intensas, ruídos elevados e texturas desconfortáveis, o que pode afetar sua capacidade de concentração, participação nas atividades escolares e interações sociais (Fuentes *et al.*, 2014).

2687

A rigidez comportamental, uma característica comum no TEA, apresenta um segundo desafio na adaptação ao ambiente escolar convencional. As demandas estruturais e dinâmicas deste ambiente muitas vezes entram em conflito com a necessidade de consistência e previsibilidade típica dessas crianças. A resistência a mudanças, a insistência em rotinas específicas e a dificuldade em lidar com situações imprevistas podem resultar em obstáculos significativos na participação efetiva nas atividades acadêmicas e sociais (Fuentes *et al.*, 2014; Bet, 2020).

A interação entre a sensibilidade sensorial e a rigidez comportamental pode criar uma sinergia desafiadora para crianças com TEA no contexto escolar. As sensibilidades sensoriais exacerbam a reatividade às demandas do ambiente escolar, enquanto a rigidez comportamental limita a flexibilidade necessária para se ajustar a essas demandas (Bet, 2020). Essa inter-relação complexa destaca a necessidade de estratégias pedagógicas e

ambientais adaptadas, visando mitigar esses desafios específicos e promover uma experiência escolar mais inclusiva para crianças com TEA.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme estabelecido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, a DSM, em sua 5ª edição publicada em 2014, cita a relação os os sinais atribuídos a esse TEA. Segundo a DSM-5, geralmente esse transtorno se manifestam entre 12 e 24 meses de idade. Contudo, é importante observar que, em determinadas situações, esses sintomas podem surgir antes dos 12 meses, especialmente quando há um atraso grave no desenvolvimento. Da mesma forma, a manifestação dos sintomas após os 24 meses pode ocorrer em casos em que os sinais apresentados são considerados leves. Adicionalmente, os indicadores que sinalizam o início do transtorno envolvem informações sobre atrasos precoces no desenvolvimento ou quaisquer perdas de habilidades sociais ou linguísticas (DSM-5, 2014).

Barros & Hazin (2013) citam que durante o desenvolvimento, as crianças passam por desafios comportamentais, bem como cognitivos e sociais imprescindíveis para o seu desenvolvimento. Dessa forma, quando fala-se do ponto de vista cognitivo, os autores destacam que crianças adquirem flexibilidade no pensamento, desenvolvendo a capacidade de elaborar estratégias de resolução de problemas. Já na perspectiva social, elas também cultivam habilidades sociais para se comunicar e realizar atividades cotidianas, promovendo a independência.

Contudo, com o Transtorno do Espectro Autista, essas crianças possuem problemas de comunicação, restrições em atividades e em interesses, que podem variar de acordo com o grau de severidade e do nível intelectual da criança, bem como sua autonomia, como cita Cardoso (2016). Assim, funções executivas, tais como flexibilidade cognitiva e memória operacional, têm sido objeto de estudo e destaque no contexto do desenvolvimento da dimensão pragmática da linguagem (Marteleto *et al.*, 2020).

Marteleto *et al.* (2020) ressaltam em seu trabalho que o funcionamento integrado dessas funções desempenha um papel crucial na atualização e manutenção da comunicação da criança, evitando a perda de informações relevantes provenientes da manipulação de fatos na memória operacional e na inibição de respostas que não estão alinhadas ao tema. Ainda segundo os autores, é possível identificar a presença de padrões restritos e repetitivos de

interesse nas crianças com TEA, bem como déficits de raciocínio lógico e intuitivo quando fala-se em linguagem expressiva, interferindo, assim, na comunicação desses indivíduos com o mundo.

Para Maranhão & Pires (2017), a sensibilidade sensorial e a rigidez comportamental são interligadas, criando uma complexidade única na adaptação ao ambiente escolar. Em seu artigo, em que foram investigadas as habilidades sociais, funções e teoria da mente em seus crianças autistas, observou-se que o nível de desenvolvimento da linguagem influenciará diretamente nas habilidades de comunicação delas com o mundo. Ainda sobre funções executivas, no trabalho de Talli (2020) é citado que a memória visual é uma habilidade imprescindível para as crianças autistas, porém, elas precisam de estímulos visuais para desenvolver tal função, bem como ser estimuladas pelo ambiente.

Também, no trabalho de Ee *et al.* (2016), é citado que os estímulos sensoriais, como luzes intensas, ruídos pronunciados e texturas desconfortáveis, desempenham um papel direto na influência do bem-estar e do engajamento dessas crianças nas atividades escolares. Nesse mesmo estudo, é destacado que essa alteração sensorial pode mudar de acordo com o contexto cultural que a criança vive (país) ou ambiente (escola e casa).

A resistência a mudanças, é também identificada por Maranhão & Pires (2017), emerge como um componente central da rigidez comportamental. A aderência rígida a rotinas específicas, muitas vezes vista como um mecanismo de enfrentamento, pode resultar em desafios significativos para a participação efetiva nas atividades educacionais e sociais. A falta de flexibilidade comportamental pode impactar o processo de aprendizagem e a interação social, tornando essencial abordar essa faceta do TEA no ambiente escolar.

Para abordar esses desafios, estratégias propostas pela autora Mantoan (2015), que é pioneira sobre os estudos de inclusão escolar no Brasil, incluem a criação de ambientes sensorialmente adaptados, levando em consideração as características únicas de cada criança com TEA. Adicionalmente, a personalização do currículo, treinamento de professores e a implementação de estratégias pedagógicas flexíveis foram sugeridos como soluções para promover ambientes escolares inclusivos. A busca por abordagens que incentivem a compreensão e aceitação das diferenças sociais é imprescindível para criar ambientes inclusivos que apoiem o florescimento emocional das crianças com TEA, como cita a autora.

Linderman & Stewart (2016 *apud* Costa *et al.*, 2023) destacam em seu estudo que terapias baseadas em jogos ou a integralização de jogos em terapias, pode ser benéfico aos alunos com TEA, visto que tal abordagem permite que as crianças recebam apoio em diversas áreas e, também, tem seu potencial maximizado no seu desenvolvimento. Assim, a criação de ambientes sensorialmente adaptados, onde estímulos visuais, auditivos e táteis são cuidadosamente considerados, surge como uma solução potencial para mitigar os desafios sensoriais identificados. Além disso, estratégias que promovam a flexibilidade e a previsibilidade, alinhadas às características comportamentais do TEA, podem ser incorporadas para facilitar uma transição suave e uma participação mais efetiva no ambiente escolar.

No contexto educacional, Mantoan (2015) destaca a necessidade de uma mudança radical na formação dos docentes. Ela enfatiza que o papel do professor é elaborar um plano educacional especializado para cada estudante, visando superar as barreiras específicas que possam surgir. Nesse cenário, a valorização de profissionais flexíveis, capacitados e interessados em aprendizado contínuo é crucial para a inclusão. Diante desse panorama, no trabalho de Mantoan (2015) é ressaltado que a inclusão não apenas requer a adaptação do ambiente escolar, mas também demanda uma transformação na mentalidade pedagógica, promovendo uma educação mais acessível, personalizada e inclusiva para todos os alunos.

2690

Paralelo a isso, no trabalho de Sousa (2015), é citado que muitos educadores enfrentam inseguranças ao lidar com a inclusão de alunos com deficiência, especialmente devido à falta de experiência e treinamento adequado. Ao tentar integrar um aluno autista, alguns professores podem inadvertidamente proporcionar um ambiente excessivamente confortável, negligenciando a importância de empregar estratégias, mesmo que adaptadas, para superar os desafios específicos encontrados.

Sousa (2015) ainda ressalta que a busca pela inclusão requer um comprometimento constante através do investimento em políticas públicas e parcerias que promovam uma convivência bem-sucedida na sala de aula, reconhecendo que a inclusão não é uma tarefa simples. Se uma escola inclusiva aspira ser acessível a todos, é imperativo que o sistema educacional correspondente reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades variadas de cada aluno. Essa abordagem reflete a compreensão de que a verdadeira inclusão demanda esforços contínuos para criar um ambiente educacional que seja acolhedor, adaptável e equitativo para todos.

Sugestões de autores como Fumegalli (2012) e Oliveira (2020) apontam para a necessidade de estratégias adaptativas que reconheçam e acomodem a rigidez comportamental. A personalização de rotinas, a introdução gradual de mudanças e o estabelecimento de previsibilidade no ambiente escolar são considerações-chave. Adicionalmente, autores como Sampaio & Magalhães (2018) enfatizam a importância de educadores e profissionais da saúde trabalharem colaborativamente para criar estratégias pedagógicas personalizadas que atendam às necessidades específicas das crianças com TEA, considerando a complexidade da rigidez comportamental no ambiente escolar.

A colaboração entre educadores, profissionais de saúde e famílias é essencial para o desenvolvimento e implementação bem-sucedidos de práticas inclusivas. A capacitação de professores com treinamento contínuo e recursos adequados é vital para garantir que o ambiente escolar não apenas acomode, mas também estimule o desenvolvimento neural positivo em crianças com TEA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível concluir que esta pesquisa revelou a importância da sensibilidade sensorial e a rigidez comportamental como elementos que impactam a adaptação de crianças com TEA ao ambiente escolar. As complexas interações entre essas características e as dinâmicas escolares apontam para a necessidade de estratégias personalizadas e adaptativas. Os resultados indicaram que estímulos sensoriais intensos, como luzes e ruídos, e a resistência a mudanças associada à rigidez comportamental podem afetar negativamente o bem-estar e a participação efetiva das crianças com TEA nas atividades escolares.

Essas descobertas reforçam a complexidade das interações entre as características específicas do TEA e as dinâmicas do ambiente escolar, enfatizando a necessidade de estratégias adaptativas e personalizadas. Ao considerar as implicações práticas, as estratégias propostas, como ambientes sensorialmente adaptados e a personalização de rotinas, oferecem orientações valiosas para educadores, profissionais de saúde e familiares. Essas abordagens práticas podem desempenhar um papel crucial na criação de ambientes escolares mais inclusivos, promovendo o desenvolvimento positivo das crianças com TEA.

Por fim, destaca-se que, por meio deste trabalho, foi possível fornecer uma contribuição significativa para a compreensão da relação entre o TEA e o ambiente escolar,

destacando a necessidade de abordagens adaptativas e personalizadas. As descobertas e reflexões finais promovem uma visão mais informada e sensível sobre como criar ambientes escolares que atendam às necessidades únicas das crianças com TEA, fomentando seu desenvolvimento positivo e inclusão efetiva.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais DSM-5**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7721387/mod\\_resource/content/o/Manual%20Diagnóstico%20e%20Estatístico%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7721387/mod_resource/content/o/Manual%20Diagnóstico%20e%20Estatístico%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf). Acesso em: 1 mar. 2024.

BARROS, Priscila Magalhães; HAZIN, Izabel. Avaliação das funções executivas na infância: revisão dos conceitos e instrumentos. **Revista Psicologia em pesquisa**, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicoshomolog.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23517/13004>. Acesso em: 27 fev. 2024.

BENITEZ, Priscila; PAULINO, Vanessa C; OLIVEIRA JR, Ailton P; *et al.* Atitudes Sociais de Agentes Educacionais em Relação à Inclusão e à Formação em Análise do Comportamento Aplicada. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.27, p.477-492, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/Sdz5BrfLZFNdCcrbsSqqWhR/?lang=pt>. Acesso em: 26 fev. 2024.

BET, Regiane Ribeiro. Educação Inclusiva: o autista e o desafio na alfabetização e no convívio escolar. In: **Ensinando Mais**, p. 177, 2020.

CABRAL, Cristiane S.; FALCKE, Denise; MARIN, Angela H. Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.27, e0156, p.493-508, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/STKcXJNwvxqhGk5QKh8WpLP/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

CARDOSO, Diana Maria P. **Habilidades Matemáticas em crianças com transtorno do espectro autista (TEA)**. Tese de Doutorado. Programa de pós graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24180/1/TESE%20CARDOSO%20c%20DIANA%20MARIA%20PEREIRA.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2024.

COSTA, Luiza N. da; HERZOG, Maria V. M.; SANTOS, Maria Júlia G. F.; *et al.* Avanços no Entendimento do Desenvolvimento Infantil em Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Implicações Clínicas e Terapêuticas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 1989-2000, 2023.

DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n4p1989-2000. Disponível em:  
<https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/513>. Acesso em: 2 mar. 2024.

EE,SuIm;LOH,SiewYim, CHINNA,Karuthan, MARRET, Mary J. Cross-cultural adaptationandpsychometricpropertiesoftheMalayversionofthe short sensoryprofile. **Physical&OccupationalTherapy in Pediatrics**, v. 36, n. 2, p. 117-130, 2016.Disponível em: <https://doi.org/10.3109/01942638.2015.1040574>. Acesso em: 3 mar. 2024.

FUENTES, Joaquín; BAKARE, Muideen; MUNIR, Kerimet *al.* Transtorno do Espectro Autista. Autista. **Rey JM (ed), IACAPAPe-TextbookofChildandAdolescent Mental Health.** Genebra: InternationalAssociation for ChildandAdolescentPsychiatryandAlliedProfessions 2014. Disponível em: [https://iacapap.org/\\_Resources/Persistent/31cc544af25bdo1b2737af4ae89e2f3989ddf4c2/C.2-ASD-2014-v1.1-portuguese.pdf](https://iacapap.org/_Resources/Persistent/31cc544af25bdo1b2737af4ae89e2f3989ddf4c2/C.2-ASD-2014-v1.1-portuguese.pdf). Acesso em: 28 fev. 2024.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila. **Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos?** Ijuí, 2012. Disponível em:<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita%20monografia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 2 mar. 2024.

GASPARELO, Andressa Cristina Bevenuto; CRUZ, José Anderson Santos; CUNHA, AriellyKizzy. Educação inclusiva: a importância da inclusão dos alunos com TEA no ambiente escolar. **Revista Científica UBM**, v. 21, n. 41, 2019. Disponível em: <https://revista.ubm.br/index.php/revistacientifica/article/view/927/172>. Acesso em: 24 fev. 2024.

2693

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 4<sup>a</sup> ed. Editora Atlas, 2002.

HOWLIN, Patricia; MAGIATI, Iliana; CHARMAN, Tony. Systematicreviewofearlyintensivebehavioralinterventions for childrenwithautism. **American journalonintellectualanddevelopmentaldisabilities**, v. 114, n. 1, p. 23-41, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1352/2009.114:23-41>. Acesso em: 2 mar. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Summus, 2015, 95p.

MARANHÃO, Samantha Santos de Albuquerque; PIRES, Izabel Augusta Hazin. Executivefunctionsand social skills in autisticspectrum: a studymulticases. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 17, n. 1, p. 100-113, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-03072017000100011&script=sci\\_abstract&tlng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-03072017000100011&script=sci_abstract&tlng=en). Acesso em: 1 fev. 2024.

MARTELETO, Márcia Regina Fumagalli; CHIARI, Brasília Maria; PERISSINOTO, Jacy. A influência de habilidades cognitivas na adaptação social de crianças com transtorno do espectro autista. **Desenvolvimento da Criança e do Adolescente. Evidências Científicas e Considerações Teóricas-Práticas.** Guarujá-SP: Editora Científica Digital, p. 110-123, 2020.

Disponível em: <http://downloads.editoracientifica.org/articles/200901462.pdf/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

MARTINS, Alessandra D. F; MONTEIRO, Maria I. B. Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v. 21, n.2, p. 215-224, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/pee/a/mf9cTfSb6PWz4PxydXGBjq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, 621-626, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2024.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 2 mar. 2024.

PLETSCH, Márcia Denise. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. **Educar em Revista**, n. 33,2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000100010>. Acesso em: 24 fev. 2024.

SAMPAIO, Ligia Maria Tavares; MAGALHÃES, Célia Jesus Silva. Formação do professor na educação inclusiva e TEA. **V Congresso Nacional de Educação-V CONEDU**, Anais. 2018. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA10\\_ID90\\_15092018132151.pdf](http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA10_ID90_15092018132151.pdf). Acesso em: 2 mar. 2024.

2694

SOUSA, Maria Josiane S. **Professor e o autismo: desafios de uma inclusão com qualidade**. Curso de Especialização, Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2015. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15847/1/2015\\_MariaJosianeSousaDeSousa\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15847/1/2015_MariaJosianeSousaDeSousa_tcc.pdf). Acesso em: 4 mar. 2024.

TALLI, Ioanna. Verbal Short-TermMemory as LanguagePredictor in ChildrenwithAutismSpectrumDisorder. **JournalofBehavioralandBrain Science**, v.10, n.5, 200- 219, 2020. Disponível em: [https://www.scirp.org/html/2-3900842\\_100251.htm](https://www.scirp.org/html/2-3900842_100251.htm). Acesso em: 1 mar. 2024.